

Iniciativa privada busca saída para melhorar ensino médio

Cada vez mais empresas desenvolvem pilotos com foco em criar novas tecnologias para solucionar a crise das três últimas séries do ensino básico. Governo aproveita essas ações para criar políticas públicas

Regiane de Oliveira

roliveira@brasileconomico.com.br

Para que serve o ensino médio? A pergunta até parece óbvia, mas consegue fazer calar educadores experientes, especialmente aqueles ligados à escola pública. Não é à toa, o único ponto de concordância entre todos é que as séries finais da educação básica estão em crise, o que prova o alto índice de evasão dos alunos neste período.

Pois Wanda Engel, superintendente executiva do Instituto Unibanco, garante saber a resposta e que isso não basta para a solução. “O ensino médio é a última fase da base e deve garantir as competências que um aluno precisa ter para entrar no mercado de trabalho ou continuar os estudos”, explica. “Não adianta tratá-lo mais como fase de passagem para o mercado de trabalho, pois isso só era possível quando as pessoas conseguiam emprego só com o ensino fundamental. O que não acontece mais.”

No Instituto Unibanco, Wanda há anos se debruça sobre os problemas do ensino médio. E não são os únicos. Várias empresas vêm desenvolvendo soluções para esta crise. Há quem aposte em tirar os melhores da escola pública e levar a particulares, a fim de promover mais rápido a ascensão desses alunos. É o caso do Ismart, que tem entre seus apoiadores a Fundação Lemann. Há quem prefira abrir suas próprias escolas, como Bradesco, Embraer e JBS.

Seja qual for a iniciativa, Wanda alerta que mais do que mão de obra qualificada, o Brasil precisa de mão de obra escolarizada. “Na sociedade agrícola, as pessoas podiam ter só quatro anos de estudo que garantiam seu emprego. Na sociedade industrial, a exigência era oito anos. Mas agora, na sociedade de conhecimento, precisamos de estudantes com no mínimo 11 anos de ensino”, diz.



Na sociedade de conhecimento, jovens precisam de pelo menos 11 anos de escola para ter acesso ao mercado de trabalho

Daniilo Verpa/Folhapress



Divulgação

Wanda Engel
Superintendente
do Instituto
Unibanco

“Não temos solução para a evasão. Sabemos que mesmo escolas que tiveram melhora no desempenho acadêmico não obtiveram um resultado eficiente contra a evasão”

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, um em cada 10 alunos de 15 a 17 anos deixa de estudar nessa fase. Os motivos? “Pesquisas mostram que 40% dos alunos que abandonam a escola no ensino médio

simplesmente não têm interesse, o que pode ser desdobrado em outros fatores: falta de condição acadêmica para continuar os estudos, pois 85% dos alunos que chegam ao ensino médio têm desempenho de 5ª série; problemas financeiros, desinteresse pelo currículo ou mesmo falta de perspectiva futura.”

Pensando nessa realidade, o Instituto Unibanco desenvolve o Projeto Jovem de Futuro, com o objetivo de aumentar o desempenho escolar dos alunos e diminuir os índices de evasão. O programa foi testado de 2008 a 2010 nas redes estaduais de Minas Gerais e Rio Grande do Sul e agora ganhou status de política pública. O instituto assinou, em parceria com o Ministério da Educação, um termo de cooperação com seis estados — Pará, Ceará, Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo e Piauí —, para ampliação do Projeto Jovem de Futuro do

instituto, que passa a integrar o programa Ensino Médio Inovador, do governo federal.

As escolas públicas que aderirem ao projeto vão receber apoio técnico para a elaboração de um plano estratégico, assistência técnica para uma gestão para resultados e R\$ 100 por aluno do ensino médio ao ano, para a implantação desse plano. “A escola tem de aprender a ter sucesso, para isso tem de ter autonomia e, em contrapartida, melhorar substancialmente o desempenho nas avaliações escolares”, diz. A meta é que os estados acelerem, em cinco anos, sua aproximação ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 6 — meta do governo federal para 2022. Estas ações, no entanto, não são suficientes para resolver o problema da evasão. “Lançamos a campanha ‘Estudar vale a pena’ para tentar diminuir a sangria”. ■

AÇÃO SOCIAL

As duas faces do mesmo banco

Regiane de Oliveira

roliveira@brasileconomico.com.br

A fusão entre os bancos Itaú e Unibanco colocou em contato duas das maiores instituições privadas focadas no desenvolvimento da educação pública: o Instituto Unibanco e a Fundação Itaú Social. “Continuamos instituições autônomas, mas irmãs”, afirma a superintendente executiva do Instituto Unibanco, Wanda Engel.

Algumas áreas vêm sendo aprimoradas, por exemplo, o programa interno de voluntários, que agora é o mesmo. Mas os objetivos são distintos. “Nossas ações são mais focadas no ensino médio, enquanto a Fundação Itaú Social tem como objetivo desenvolver projetos para o fundamental”, explica Wanda, que acredita na ampliação de ações entre os dois braços educacionais do grupo Itaú Unibanco.

Por enquanto, uma coisa é certa, ambas as instituições vão continuar estimulando a criação de políticas públicas por meio de parcerias e ações inovadoras. A Fundação Itaú Social, por meio do programa Itaú Criança, fechou uma parceria com 125 secretarias municipais de educação de todo o país. O objetivo é estimular os adultos a lerem para as crianças. Para isso, serão distribuídos mais de 2,2 milhões de livros para 3.272 escolas e centros de educação infantil. Na capital paulista, o acordo beneficiou toda a rede municipal infantil, composta por 1.962 escolas, totalizando 1,8 milhão de títulos.

No ano passado, um dos principais focos de ação do Itaú Social foi uma campanha de incentivo à leitura, que possibilitou a distribuição gratuita de um milhão de boxes da Coleções Itaú de Livros Infantis, composição de três livros voltados para crianças e um folheto com dicas de leitura. Os livros disponibilizados são Chapeuzinho Amarelo, Adivinha Quanto eu Te Amo e A Festa no Céu. ■

EMPRESAS QUE TÊM PROJETOS PARA O ENSINO MÉDIO

Bradesco

Em 55 anos de existência, a Fundação Bradesco tem uma das maiores redes privadas de ensino formal gratuito do país. Em 2011, beneficiou 112.081 alunos na Educação Básica (da educação infantil ao ensino médio e profissionalizante).

Oi

O Nave do Instituto Oi Futuro tem escolas no Rio e em Recife, que oferecem, além do ensino médio técnico, a Fábrica Digital, espaço de pesquisa e inovação; e a Usina de Expressão, polo disseminador do conteúdo.

Embraer

O Instituto Embraer criou, em 2002, o Colégio Embraer Juarez Wanderley, que atende gratuitamente 600 alunos egressos da rede pública nas três séries do ensino médio, em regime de tempo integral (10 horas por dia).

JBS

O Instituto JBS abriu em 2010 a Germinare, em São Paulo, uma escola privada, de caráter público, que tem como objetivo experimentar um novo modo de ensinar alunos de ensino fundamental II (a partir da 6ª série) e ensino médio.



Lucas e Danilo, alunos do projeto Nave, foram contratados pela Ratto Software

Divulgação

APP Store na mira de ex-alunos do Nave

Choque de tecnologia promovido pelo Instituto Oi Futuro abre portas para o mercado de trabalho qualificado

Os adolescentes até podem encontrar diversos motivos para desistir da escola. E outras tantas razões que deixam claro que só o ensino médio não é garantia de um bom emprego. Mas para Lucas Amorim, 17 anos, e Danilo Miranda, 19 anos, a passagem da escola para o mundo profissional tem revelado boas surpresas. Os ex-alunos do Núcleo Avançado de Educação — Nave, do Instituto Oi Futuro, no Rio, no curso de jogos, acabam de ser contratados pela Ratto Software e estão prestes a lançar dois jogos na loja Android Market e APP Store, da Apple.

Lucas e Danilo ficaram amigos desenvolvendo projetos para competições mundiais de jo-

gos. Eles se formaram no Nave em dezembro, mas ao invés das férias, investiram em dar continuidade aos projetos do jogo Celestium, que será lançado para iPhone e iPad em março, após passar na criteriosa peneira da Apple. “O Celestium é nosso projeto de conclusão de curso. Um jogo de ranking, cujo o objetivo é alcançar a pontuação mais alta com a cabra Celeste, que tenta subir aos céus vencendo obstáculos”, explica Lucas.

O primeiro jogo da dupla, em parceria com a Riachuelo Games, o Samba, entrou no Android Market antes do Carnaval. “Neste jogo, a pessoa controla uma escola de samba e tem de desbloquear os instru-

mentos para que todos toquem ao mesmo tempo”, diz Danilo.

Criado em 2004 com o objetivo de contribuir para a qualidade e a inovação da educação no Brasil, o Nave é estruturado através de parcerias com as secretarias estaduais de educação, a iniciativa privada e os organismos do terceiro setor. No Rio, é responsável pela gestão do colégio estadual José Leite Lopes, que oferece cursos de programação multimídia, jogos e roteiros para web, conteúdos para TV digital, entre outros.

Entrar não é fácil, os alunos têm de passar por uma prova objetiva de português e matemática, na primeira fase. A redação integra a segunda fase. ■ **R.O.**

ESPM customiza pós-graduação

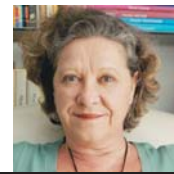
A escola está lançando um curso de educação continuada lato sensu em gestão estratégica de mercados com estrutura flexível

A customização é tendência em várias áreas de consumo. Produtos e serviços criados para atender necessidades específicas de cada tipo de público são frequentes. Mas na educação essa possibilidade ainda é um sonho para poucos. O desafio? Desenhar um curso para muitos capaz de atender a demandas individuais. A ESPM garante que descobriu como vencer essa barreira. A escola lançou um curso de pós-graduação lato

sensu em gestão estratégica de mercados com estrutura flexível.

Segundo Licínio Motta, diretor geral da unidade de pós-graduação da ESPM, cursos onde o aluno pode montar a estrutura com base em seus desejos para a vida profissional são comuns fora do país. Ao ingressar, o aluno cursa quatro disciplinas obrigatórias: gestão financeira, fator humano nas organizações, gestão de operações e marketing. E depois, na teoria, já está pronto para escolher quais as áreas a seguir para melhor aprimorar a carreira. “No entanto, sabemos que, muitas vezes, o aluno ainda não tem cons-

ciência de como escolher as disciplinas mais úteis para sua carreira”, afirma Motta. Por isso, há um serviço de orientação profissional, semelhante a um coaching. Antes do término das disciplinas obrigatórias, o aluno passa pela orientação com profissional da área escolhida e faz uma avaliação de previsibilidade de comportamento, que será acompanhada pela equipe de profissionais do núcleo de gestão de pessoas da ESPM. É neste processo que ele poderá escolher entre as seguintes áreas de conhecimento: inteligência de mercado, comunicação integrada e trade. ■ **R.O.**



Lélia Chacon

Jornalista especializada em Educação

Tablet deve trazer prática pedagógica

Enquanto o poder público, em diferentes níveis, promove licitações e editais para equipar alunos e professores do ensino básico com tablets, computadores, lousas digitais e internet, iniciativas do setor privado investem em medidas menos vistosas, mas mais exitosas para melhorar a qualidade da educação, como a formação em práticas pedagógicas para ampliar e qualificar o repertório dos educadores na sala de aula. É esse o objetivo de editais de seleção como o lançado recentemente pela Fundação Tide Setúbal, em São Paulo, que oferece apoio de R\$ 4 mil para o educador participante da formação desenvolver e aplicar um plano educativo.

A ação da fundação é restrita, pois dirigida a educadores de organizações da sociedade civil que trabalham em comunidades carentes com crianças, adolescentes e jovens no contraturno escolar. Já o público-alvo das iniciativas governamentais é o universo das escolas públicas brasileiras com toda a sua complexidade e diversidade, características que por si só oferecem risco para os resultados. Uma ferramenta tecnológica com acesso à internet certamente amplia os recursos pedagógicos de

A prioridade das prioridades em educação está no professor e na prática pedagógica, detentores do melhor potencial para dar vida inteligente a velhos e novos recursos de ensino

um professor bem preparado, mas que aproveitamento fará de um tablet ou lousa digital o docente carente de boa prática pedagógica, ainda que ele domine o funcionamento do equipamento digital?

Qualquer um se sente mais valorizado, e possivelmente mais motivado, trabalhando em um ambiente com boa infraestrutura, que é outra urgência na escola pública brasileira, uma questão puramente de cidadania.

Mas a prioridade das prioridades em educação está no professor e na prática pedagógica, detentores do melhor potencial para dar vida inteligente a velhos e novos recursos de ensino.

Andréia Saul, diretora executiva do Ficas, organização sem fins lucrativos fundada há 15 anos e encarregada da formação de educadores na ação promovida pela Fundação Tide Setúbal, ilustra o argumento. Conta histórias de educadores que usam o momento da “roda de conversa” para dar bronca nos aprendizes, quando esse recurso pedagógico deve ser aproveitado para estimular a reflexão, o raciocínio, a argumentação e o debate entre os alunos. Ou do professor que promove uma aula-passeio apenas para “passar” mesmo no entorno da escola, sem levar os alunos a elaborar registros e com eles construir conhecimentos.

Em cursos de formação como o do Ficas, esses profissionais aprendem a desenvolver um plano educativo a partir de um diagnóstico, uma filosofia de trabalho, metodologias e as estratégias para alcançá-las. Funciona como uma espécie de passo a passo teórico e prático para o educador aplicar, seja com o recurso de um tablet, um jogo de bola, um vídeo ou a leitura de um texto.

Na Associação Labor, a gerente de projetos Marlene Rodrigues orienta o mesmo tipo de ação na escola pública. Diretores e professores se envolvem na elaboração, execução e avaliação de práticas pedagógicas. Sem iniciativas como essas, provavelmente o educador pouco acrescentará ao crescimento do aluno no papel essencial de mediador do conhecimento e animador da curiosidade para aprender. ■